

EX-MISS COLABOROU NA TRAMA DE EVASÃO DA PENITENCIÁRIA

A NOTICIA 29 5 69

Apurando a fuga de detentos da Penitenciária Lemos Brito, os agentes encontravam, ontem, à tarde, fardo material de propaganda subversiva e diversos panfletos cujos dizeres era de incitação aos presos para uma rebelião. Há informação de que, pelo menos trinta e seis pessoas estão envolvidas na questão do material subversivo, algumas já em regime de prisão incommunicável. Até o momento, porém, as autoridades não dispõem de pistas seguras para a localização dos evadidos, sabendo-se que um deles, o ex-sargento Antônio Prestes de Paula, teria embarcado para fora do País no mesmo dia da fuga.

Nos interrogatórios de presos e funcionários e também investigações sigilosas entre familiares dos foragidos, estão atuando em conjunto

agentes do SNI, DOPS, CENIMAR e da «E-3» — Serviço Secreto da Polícia Militar. Já se apurou que Cátia Valadares, ex-Miss Bangu, colaborou na trama da fuga.

Maconha no presídio

Procedeu-se, também, a uma revista geral de todas as celas, sendo arrecadados 100 cigarros de maconha que estavam com um dos presidiários, levado imediatamente para a 8ª Delegacia Policial, onde foi autuado. Um dos carros usados na fuga, admitem as autoridades, é de propriedade do advogado que se suspeita haja facilitado a fuga dos nove detentos. Ontem, na 8ª DP, perante o Delegado Abelardo Barreto, prestaram depoimento os senhores João Mar-

celo de Araújo Júnior, diretor da Penitenciária Lemos Brito, e Valdo Sousa Aguiar Temporal, diretor da Penitenciária Nilton Dias Moreira.

Sirena foi senha

O Sr. Aguiar Temporal foi sucinto. Começou dizendo que nenhum dos evadidos estava cumprindo pena no presídio que dirige, mas acrescentou que bem poderiam ter usado como senha a «sirena» que anuncia a hora do jantar dos presos. afirmou, também, que por volta das 17h30m esteve na portaria e cinco minutos mais tarde ocorreu a evasão, mas nessa altura estava em seu gabinete de trabalho, alheio ao processamento da fuga, porém encaminhou-se para o local e tomou conhecimento de que ocorrera.

MUITOS PRESOS E POUCOS GUARDAS

O Sr. Araújo Júnior, disse que ouviu o alarme de fuga quando permanecia em seu gabinete e sua primeira providência foi solicitar o encaminhamento dos feridos ao Hospital Sousa Aguiar. Depois compareceu à 8ª Delegacia Policial, a fim de comunicar a ocorrência, e voltando à penitenciária, determinou que fosse realizada a «operação confêre», constatando, então, que nove detentos haviam escapado; seis eram condenados por atividades subversivas e três por crimes comuns. Esclareceu que dos nove que fugiram, quatro prestavam serviços de rotina no Serviço Médico da penitenciária, dois eram ocupados no Serviço da Divisão Legal, um no almoxarifado e dois no Serviço de Biotipologia.

Guarda insuficiente

Informou que dispõe apenas de 30 guardas para vigiar 700 condenados e como o número de funcionários é reduzido, costuma aproveitar detentos de certo nível cultural para atividades burocráticas. Aludindo aos prisioneiros políticos, esclareceu que costumava dizer que eram injustiçados e não criminosos, vítima, enfim, de suas próprias idéias que divulgavam

Tais presos — acentuou — viviam isolados dos demais e dificilmente admitiam aproximação, a não ser quando nos momentos de chamada geral ou refeições. Apontou-os como participantes ativos de uma «célula comunista», destacando-se como membros o ex-sargento Antônio Prestes de Paula e o ex-soldado Aveirino Biona Capitane, que tomou parte na guerrilha de Caparaó.

Ajuda externa

Enquanto descrevia os foragidos como capazes de manejar um plano da natureza da evasão verificada, o diretor da Penitenciária Lemos Brito, disse acreditar que todos contaram com ajuda externa. No seu entender, teriam realizado o que se poderia chamar de «guerrilha urbana», nem mesmo esquecendo o detalhe da desmoralização, caracterizada nos tiros sobre o guarda que montava sentinela no portão. Uma vez na rua — explicou — os fugitivos não tinham por onde balear o guarda pois o objetivo de tudo era escapar e estavam a um passo dele, porém com o sentido de desmoralizar o sistema de segurança do presídio, perdaram alguns minutos, mais e atiraram no policial.

APARECE A HIPÓTESE DE SUBORNO

Detentos armados

Quando indagado a respeito das armas que os detentos empunhavam, o Sr. João Marcelo esclareceu que os visitantes só recebem permissão de acesso ao presídio depois de exibirem atestado de residência e boa conduta, examinado pelo Serviço Social da Penitenciária, que fornece um cartão de passe. Depois os homens são revistados, porém as mulheres nem sempre são obrigadas a exame, em face da falta de funcionários para aquele mistério. Mas explicaria a presença de armas de modo simples: nos fundos da penitenciária existe o Morro de São Carlos, de onde é atirada a maconha e provavelmente as armas descem a encosta, enroladas em estopa.

Suspeita de suborno

O diretor da Penitenciária Lemos Brito admitiu que tenha havido suborno de funcionários ou guardas para que os fugitivos encontrassem tanta «facilidade» para escapar. Também falou sobre os três apartamentos junto ao Serviço Social, usados para os encontros de presos com esposas ou mulheres em regime de concubinato. Geralmente, as mulheres são

revistadas, mas, já foram apreendidas garrafas de bebidas e outros objetos, o que leva a crer que as armas possam ter chogado aos que escaparam pelo mesmo método, embora tudo seja até agora apenas hipótese.

Relatório minucioso

Um relatório minucioso sobre todos os acontecimentos ligados à evasão dos nove subversivos, será entregue hoje ao Governador do Estado, informou ontem à nossa reportagem o diretor da Penitenciária Lemos Brito, que também fará relato na Auditoria da Marinha. Ainda ontem pela manhã, esteve reunido com o Secretário de Justiça, Superintendente do Sistema Penitenciário, Chefe da Casa Militar do Palácio Guanabara, sub-diretor da Penitenciária e um inspetor do DOPS, aos quais relatou os fatos com fatura de detalhes.

Uma estagiária do Serviço Legal da Penitenciária Lemos Brito, segundo informações recebidas pelas autoridades policiais, teria sido a intermediária na entrega das armas aos nove fugitivos. Diligências sigilosas foram iniciadas para apurar o fato sendo mantido em segredo o nome daquela